

„MORO NO BRASIL“

um filme
de Mika Kaurismäki

105 minutos
35mm, cor

uma co-produção entre
Brasil, Alemanha, Finlândia

© 2002

Arte, TV Cultura, Magnatel, Marianna Film, Lichtblick Film

Ficha Técnica

Script original: Mika Kaurismäki
Adaptação : Mika Kaurismäki e George Moura
Diretor : Mika Kaurismäki
Diretor de Fotografia : Jacques Cheuiche
Montadora : Karen Harley
Técnico de Som: Crico Maciel
Sound designer: Uwe Dresch, Robert Faust
Mixagem: Tobias Fleig

Executive producer: Hans Robert Eisenhauer (Arte)

Produtora: Phoebe Clarke

Co-Produtores: Frank Scharf
Joachim Ortmanns
Mika Kaurismäki

Produtores associados: Eila Werning (YLE TV1)
Marco Antônio Coelho (TV Cultura)
Mario Borgneth (TV Cultura)
Roberto Batista Viana
Marcelo Bresser
Lothar Mattner (WDR)

Uma co-producao entre: Magnatel, Rio de Janeiro e Baden-Baden
Arte, Strasbourg
TV Cultura, São Paulo
YLE TV1, Helsinki
Marianna Film, Helsinki
Lichtblick Film, Colônia

Patrocínio: PETROBRAS CULTURAL

Apoiado pelo: Ministério da Cultura: Lei do Audiovisual

- BNDES,
- Wella do Brasil
- Agfa do Brasil
- Helisul

Ministério da Cultura: Lei Rouanet
Filmstiftung NRW, Düsseldorf
AVEK, Helsinki
Medien und Filmakademie, Baden-Baden

Interpretes na ordem de sua aparência:

Grupo Fleetwtxya
Crianças Fulni-ô
Grupo Fethxa
Setka
Banda Fulni-ô
Tavares da Gaita
João do Pífano
Silvério Pessoa
Banda de Pífanos de Caruaru
Jacinto Silva
Cambina Brasileira
Maracatus Rurais de Pernambuco
Mestre Salustiano
Antônio e Gabriel Nóbrega
Zé Neguinho do Coco
Caju e Castanha
Daruê Malungo
Majê Molê
Afoxé Alafin Oyô
Afoxé Oxum Pandá
Grupo Cultural Bagunçação
Margareth Menezes
Walter Alfaiate
Seu Jorge
Gabriel Moura
Dona Zélia
Velha Guarda da Mangueira
Quincas
Ivo Meirelles
Funk 'n Lata
Zenith

Apresentação

A Finlândia esbarra no Brasil: o diretor Mika Kaurismäki, premiado diversas vezes por seus filmes não-convencionais, tenta retratar a imensa diversidade musical do Brasil em seu primeiro filme puramente documentário, „Moro no Brasil“. Percorrendo 4000 quilômetros pelo país, ele consegue se aproximar das mais diferentes pessoas e estilos musicais e contar assim da enorme força da música no freqüentemente difícil cotidiano brasileiro.

Resumo

Com seu novo filme „Moro no Brasil“, o diretor finlandês Mika Kaurismäki mergulha na transbordante diversidade musical brasileira.

Numa viagem exploratória de 4000 quilômetros através de um país que ele conhece intensivamente há uma década, encontra-se com músicos, cantores e dançarinos dos mais diferentes ritmos, indo muito além do samba e da bossa nova. Em seu primeiro documentário puro, Kaurismäki deixa que esta riqueza musical fale por si mesma – por meio de histórias pessoais, da apresentação de estilos musicais de diversidade impressionante e, especialmente, através das letras das canções, que foram legendadas para o público internacional.

Morar no Brasil significa morar com a música

Você pode imaginar um jovem europeu trocando um CD do Deep Purple por um de música brasileira? Talvez? O diretor Mika Kaurismäki, várias vezes premiado por seus filmes não-convencionais, o fez há anos, e desde então é fascinado pela diversidade musical brasileira. Tão fascinado que passou a morar periodicamente no Brasil há dez anos e que desenvolveu o projeto de um filme sobre a música do país. “Moro no Brasil” é o resultado. Difícil imaginar um contraste maior: um finlandês lacônico do frio norte descobre a estimulante mistura da musicalidade brasileira e suas diferentes tradições. Mas é exatamente esta perspectiva inusitada que constitui o interesse do primeiro filme documentário de Mika Kaurismäki. Seu amor e entusiasmo pelas pessoas por trás da música e seu conhecimento das diferentes tradições e estilos fazem de “Moro no Brasil” um encontro intenso com um país no qual a música faz parte da vida.

4000 quilômetros foram percorridos por Kaurismäki para rodar o filme, numa viagem por Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Um road-movie, portanto? Não realmente, pois o filme não se deixa guiar por uma trama específica, mas somente pela incansável vontade do diretor de ouvir e ver coisas novas. Nesta viagem ele encontra os mais diferentes estilos musicais, nada parecidos com o samba, o estilo que a Europa comumente associa ao Brasil. Naturalmente, não falta também o próprio samba, inseparável do Rio de Janeiro, a última estação da viagem. Estilos como o frevo, maracatú, samba de coco, embolada e forró alimentam-se da história multicultural do Brasil, com suas influências indígenas, africanas e portuguesas. O gosto pelo usual não tem lugar neste filme. O desconhecido soa por vezes estridente e alto, por vezes melodioso e suave, mas sempre imbuido de força e vitalidade – a começar pelos índios que se encontram para preservar suas músicas, línguas e danças, até as crianças nas favelas do Rio, que misturam samba com funk e rap.

Os homens, mulheres e crianças, os músicos, cantores e dançarinos contam sobre si e sua música não somente nas conversas filmadas, mas também nas letras das canções, legendadas para o público internacional. Somente então se torna claro

como cotidiano e música estão entrelaçados no Brasil: a música sempre está lá, seja como expressão espontânea da alegria de viver, seja como conforto, ganha-pão humilde ou bóia de salvação na desesperança das favelas, que leva muitas vezes ao crime e às drogas. É especialmente nestas situações que se revela a força da música, como no projeto de Ivo Meirelles e seu grupo “Funk'n Lata”. Ivo oferece aos jovens da favela uma alternativa ao destino - muitas vezes certo - de traficante e prova, através de seu sucesso, que isto pode funcionar.

Nos tempos presentes, o significado da música como âncora social pode ser comprovado pela atribuição do Prêmio Nobel Alternativo de 2001 ao venezuelano José Antonio Abreu, pela formação de um sistema nacional de orquestras infantis e juvenis.

Koppelstätter Kommunikation

Reação da imprensa alemã

Um filme do além-mar, que procura a música humana e o encontro entre os homens. Logo um finlandês que fala inglês como um russo foi viajar pelo Brasil conhecendo músicos - músicos populares. E de que música! É de se ficar triste: na nossa televisão alemã temos que agüentar dia após dia os assim chamados "shows de música popular", embora nossos ouvidos já não suportem mais e o enfado que sentimos pelos aplaudidores de plantão, amantes deste péssimo gênero, seja símile ao que sentimos por terroristas. Ao contrário, no Brasil a música popular parece ter realmente algo a ver com o povo e com sua maneira de sentir e viver. O finlandês Mika Kaurismäki encontra os exemplos mais bizarros e belos disto. Se este procedimento é correto ou representativo segundo a ciência da etnologia musical, não sabemos - o filme nos agrada do mesmo jeito. Trata-se de um filme sobre música, de um documentário sociológico ou de um filme sobre um finlandês estranho? Também não sabemos. E é exatamente isto o que o filme tem de especial: não pode ser classificado facilmente. E desta forma conserva seu segredo. Mas, por outro lado, os finlandeses sempre tiveram uma relação especial com a música popular. São loucos por tango, por exemplo. Na Finlândia dança-se mais tango que na Argentina e Espanha juntas, e, note-se bem, tango *finlandês*. O Mika fez um filme sobre a música popular no Brasil, como o samba e afins. Quem tiver ouvidos, que assista!

Otto Jägersberg
crítico alemão

26.12.01

Muito Além das Escolas de Samba

Luís Filipe de Lima*

O vasto painel da música brasileira, retratado por Mika Kaurismaki em seu “Moro no Brasil”, é tão rico e variado quanto o povo que o produziu ao longo de 500 anos de história. Colônia portuguesa fundada em 1500 e tornada independente em 1822, o Brasil amalgamou em sua música elementos indígenas, europeus e africanos em múltiplas combinações, por todo o seu imenso território. É a pujante diversidade de sua música, afinal, marcada por uma língua comum, que torna o Brasil um caso destacado em todo o Novo Mundo. Sim, há muito mais na música brasileira do que as Escolas de Samba e a Bossa-Nova – e coube a Mika revelar isso com maestria.

E quais são as músicas que “moram no Brasil”?

Da música indígena, pouco restou além de manifestações hoje restritas às tribos. Uma das exceções é o *pífano*, flauta artesanal de madeira usada em algumas regiões do nordeste brasileiro, num repertório que mescla a influência indígena a elementos ibéricos medievais. “Moro no Brasil” mostra João do Pife, herdeiro desta tradição.

Da música européia, muito se pode dizer: com os portugueses o Brasil conheceu o sistema melódico tonal, base da maioria dos gêneros populares brasileiros, além instrumentos como o violão e o pandeiro (de origem árabe) ou o *cavaquinho* (nascido em Portugal e exportado também para o Hawaii, onde ganhou o nome de *ukulele*). Com sucessivas levas de imigrantes europeus, especialmente no sul do país, onde a presença italiana, alemã e japonesa se tornou marcante desde o século XIX, ampliou-se ainda mais o universo musical do país.

Mas a influência africana é a que mais se sobressai na música popular brasileira, como acontece aliás em todo o continente americano. Os padrões melódicos europeus são aí reinterpretados por meio da rítmica africana, predominantemente sincopada. O sistema tonal europeu é confrontado com o sistema modal africano, e instrumentos trazidos da África se incorporam à música das colônias. No Brasil, em especial, sobreviveram o *berimbau* (usado nas cantigas de capoeira) e a *cuíca* (no samba). As religiões de origem africana, a exemplo do *candomblé*, com sua música e suas danças, são importantes matrizes para os compositores brasileiros de todos os tempos, como diz a cantora Margareth Menezes em seu depoimento a “Moro no Brasil”.

No mais, é fácil ver: inúmeras danças e gêneros musicais trazem a marca do negro africano em solo brasileiro, do *frevo* de Pernambuco ao *samba* do Rio de Janeiro, das *congadas* e *cateretês* de Minas Gerais ao *afoxé* da Bahia. E é com base no equilíbrio entre tradição e modernidade negras que o Brasil oferece experiências como o Funk’n’Lata de Ivo Meirelles, releitura da música pop norte-

americana executada com os instrumentos de uma bateria de Escola de Samba – o que também é capturado pelas lentes de Mika.

MÚSICA BRASILEIRA: UMA TRAJETÓRIA RESUMIDA

No início do período colonial brasileiro, a música de europeus, índios e negros não se fundiu a ponto de criar gêneros musicais expressivos, o que aliás acompanhava a dinâmica das relações raciais nesta época. Apenas no século XVIII surgiu o que se considera o primeiro gênero musical brasileiro: a modinha, canção popular que misturava a *fofa* portuguesa ao *lundu* e ao *batuque* de origem africana.

No século XIX, a chegada ao Brasil de D. João VI (o rei de Portugal, fugido de Napoleão, instalou-se no Rio de Janeiro em 1808, com a corte portuguesa), faz mudar o panorama da música brasileira. Difundem-se rapidamente as danças de salão européias, como a polca, a valsa e o schottisch, reinterpretadas pelos músicos brasileiros. Surge então o *choro*, gênero instrumental vivo até hoje, chamado por estudiosos de “jazz brasileiro”, e o *maxixe*, dança sensual que faria muito sucesso na Paris da *belle-époque*.

Já no século XX, como de resto em toda a América, criam-se no Brasil as bases para a formação de uma música nacional-popular, com a consolidação dos processos de descolonização e o advento do disco e do rádio. Surgem assim gêneros como o *samba* (e uma série de derivados, como o *samba-canção*, *samba-de-breque*, *samba sincopado*, *samba-enredo*, *partido-alto*), o *frevo*, o *baião* e, mais tarde, a *bossa-nova*. Surgem também as Escolas de Samba.

Depois da Segunda Guerra, a música norte-americana invade o mundo, com a ajuda dos filmes de Hollywood. No Brasil, gêneros como o blues, o jazz, o rock'n'roll, o funk e o rap acabaram sendo reinventados, dando origem a movimentos como os da Tropicália, nos anos 60, e o do samba-rock, nos anos 70. Instrumentos como a guitarra elétrica, a bateria e o contrabaixo, base da música pop em todo o mundo, foram particularmente aproveitados e reciclados em gêneros tradicionais de música brasileira, a exemplo do samba, do frevo e do *forró* (conjunto de ritmos nordestinos, entre eles o *baião* e o *xote*).

**Luís Filipe de Lima* é músico, jornalista e Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua tese estuda o choro, gênero de música instrumental brasileira; sua dissertação de mestrado, defendida também na UFRJ, tem por tema a música do candomblé.

Comentário do diretor

"Moro no Brasil" é uma verdadeira celebração da música e da alegria de viver. O Brasil é um dos países mais ricos do mundo no que diz respeito a tradições musicais. Fora do Brasil, a maior parte das pessoas conhece apenas a bossa nova e o samba, mas há muito mais a descobrir: maracatú, frevo, coco, forró, embolada e muitos, muitos outros ritmos. O que possibilitou essa incrível variedade de expressões musicais foi a diversidade de influências, como a indígena, a africana, a européia - especialmente a portuguesa - e a árabe. Vivi no Brasil pelos últimos dez anos, e o que tento fazer neste intenso "road-movie" musical é transmitir minha visão pessoal dos vários ritmos e manifestações que passei a conhecer e ao mesmo tempo retratar as pessoas que os apresentam.

A riqueza da musicalidade foi o tema propulsor do projeto, mas tornou-se também seu maior "problema": há tanta música no Brasil que logo percebi ser impossível incluir tudo num só filme - seria como tentar fazer o mesmo com todas as tradições musicais européias. Tive portanto, ao longo da pesquisa e do desenvolvimento do roteiro, que fazer escolhas, muitas delas difíceis. Após uma série de viagens por este gigantesco país decidi restringir o tema e concentrar-me sobre duas regiões nordestinas (Pernambuco e Bahía) e o Rio de Janeiro. Mesmo sabendo que existe muito mais, acredito que estas três áreas representam a maior parte das tradições brasileiras, constituindo um cadinho de diversas tradições e culturas. O projeto era iniciar com os índios, que foram os primeiros a cantar e dançar no Brasil, e então mostrar como a música mudou e se desenvolveu ao chegarem as outras culturas - primeiro a portuguesa, depois a africana - até os dias de hoje. Procurei chegar às raízes do samba através de seus diferentes ritmos. O estrangeiro normalmente desconhece que o samba pode significar diversas coisas, e não somente o samba enredo do carnaval.

Desde o início, tomei outra decisão: concentrar-me somente sobre as raízes, a música das ruas. No filme não surgem "estrelas". As estrelas são as pessoas comuns. Decidi também ser fominha e pouco democrático: mostro coisas que me impressionaram pessoalmente durante as visitas e viagens pelo Brasil. Aquilo que o estrangeiro está acostumado a ouvir do Brasil pela mídia é na maioria das vezes negativo, como a violência e o crime. Mas encontrei muitas coisas bonitas também, sendo a mais impressionante delas a alegria de viver do povo sacrificado. A música tem um grande papel na mente do povo brasileiro, é quase que um ritual, uma maneira de sobreviver, uma ferramenta da auto-estima. Quero através da música mostrar este povo - o povo da minha atual pátria por eleição - em sua busca singular pela alegria de viver.

Mika Kaurismäki

MIKA KAURISMÄKI

nasceu em 21 de setembro de 1955 em Orimattila, Finlândia. Cineasta, produtor e autor, aprendeu o ofício na Universidade para Cinema e Televisão de Munique.

Lançou-se internacionalmente em meados dos anos oitenta, com o filme irônico sobre gangsters "Viagem às Trevas " (1985) e "Helsinque - Nápoles" (1987). "Zumbi e o Trem Abandonado", um estudo psicológico lacônico sobre um alcoólatra próximo da ruína total, trouxe-lhe em 1992 o Prêmio Finlandês de melhor diretor.

Co-produções internacionais, como o suspense "Condição Vermelha" (1995) com James Russo e Cynda Williams e a aventura ecológica "Amazonas" (1990) com Kari Väänänen, Robert Davi e Rae Dawn Chong consolidaram sua fama de cineasta com assinatura própria.

Dirigiu em 1994 o documentário narrativo "Tigrero – Um Filme que Nunca foi Feito" com Sam Fuller e Jim Jarmusch, que ganhou no mesmo ano o Fipresci, o prêmio da crítica internacional do Festival de Berlin.

Na Finlândia Mika Kaurismäki executa as atividades de diretor-chefe da produtora Marianna Films Oy. Como produtor, foi co-responsável, entre outros, por „Sombras no Paraíso" e „Crime e Castigo“, filmes iniciais de seu irmão, o também diretor Aki Kaurismäki. Juntamente com Aki fundou o festival cinematográfico finlandês Midnight Sun, realizado anualmente na Lapônia. Também com Aki, dirige desde 1987 a distribuidora Senso Films, bem como dois cinemas em Helsinque.

Mika Kaurismäki vive há dez anos no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, e lá dirige uma casa de música brasileira.

FILMOGRAFIA (como diretor)

- 1980 O Mentiroso („Valehtelija“)
- 1981 A Gesta de Saimaa („Saimaa-ilmiö“)
- 1982 Jackpot 2
- 1982 Os Sem-Valor („Arvottomat“)
- 1984 O Clan – A História dos Sapos („Klaani - tarina Sammakoitten suvusta“)
- 1985 Viagem às Trevas („Calamari Union Rosso“)
- 1985 Pimeys odottaa
- 1987 Helsinque - Nápoles („Helsinki Naples- All Night Long“)
- 1988 Turno da Noite („Yötyö“)
- 1989 Cha Cha Cha
- 1989 Estrela de Papel („Paperitähti“)
- 1990 Amazonas („Amazon“)
- 1991 Zumbi e o Trem Abandonado („Zombie ja kummitusjuna“)
- 1993 A última fronteira („Viimeisellä rajalla“)
- 1994 Tigrero - Um Filme que Nunca Foi Feito („Tigrero - A Film That Was Never made“)
- 1995 Condição Vermelha („Condition Red“)
- 1996 Sambólico (Kurzfilm)
- 1996 O Ritmo (Episode: „Danske piger viser alt“)
- 1998 Absolutamente Los Angeles
- 1999 Highway Society („Highway Society“) (TV-Film)
- 2001 MORO NO BRASIL

(
s

|
|
|
i
(
,

(
(
r
(

r
l
i
t
(
s

(
l
t
r
(
s

f
(
v
(
s

i
r
(
i
(
(
r
s

(
(

|
(
r
(
(
s
t
(

k
r

Os intérpretes

Jackson do Pandeiro

Nascido no interior da Paraíba, sua primeira vontade foi tocar sanfona. Mas, por ser o instrumento muito caro, os pais deram-lhe um pandeiro. A mãe era cantadora de coco, tocava zabumba e ganzá. Aos 13 anos mudou-se com a família para Campina Grande, onde teve diversos trabalhos e começou a prestar atenção nos cantadores de coco e violeiros das feiras. Foi nessa cidade que surgiu seu primeiro nome artístico, Jack, por influência dos filmes norte-americanos de faroeste a que assistia no cinema. Nos anos 40 transferiu-se para João Pessoa, onde tocou em cabarés e emissoras de rádio. Mais tarde foi para Recife, e foi lá, na Rádio Jornal do Comércio, que adotou definitivamente o nome Jackson do Pandeiro. Em 1953 gravou seus primeiros sucessos: "Sebastiana" (Rosil Cavalcanti) e "Forró em Limoeiro" (Edgar Ferreira). Três anos depois casou-se com Almira, que se tornou sua parceira nas apresentações. No mesmo ano foram para o Rio de Janeiro, e Jackson foi contratado pela Rádio Nacional, onde foi um sucesso de público e crítica por sua maneira de cantar baiões, cocos, rojões, sambas e marchinhas de carnaval. Sua influência é até hoje sentida em artistas que regravam as músicas que Jackson celebrizou, como "O Canto da Ema", gravada por Lenine, "Na Base da Chinela", por Elba Ramalho, "Lágrima", por Chico Buarque, ou "Um a Um", pelos Paralamas do Sucesso. Compositor inspirado e instrumentista de raro talento, popularizou outros clássicos da música nordestina, como "Chiclete com Banana" (Gordurinha/ Almira Castilho), "Xote de Copacabana" (José Gomes), "17 na Corrente" (Edgar Ferreira/ Manoel Firmino Alves), "Como Tem Zé na Paraíba" (Manezinho Araújo/ Catulo de Paula), "Cantiga do Sapo", "A Mulher do Aníbal", "Ele Disse" (Edgar Ferreira) e "Forró em Caruaru" (Zé Dantas). Em 1998 foi o grande homenageado no 11º Prêmio Sharp de Música.

Jacinto Silva / Silvério Pessoa

É isso mesmo!

Silvério Pessoa canta Jacinto Silva, canta com Jacinto Silva, canta para Jacinto Silva e pôr que não? Canta como Jacinto Silva.

Quem teve e tem "peito" e talento para "encarar" a obra do mestre maior JACKSON DO PANDEIRO; quem tem competência, conhecimento e sensibilidade para compreender a música de qualquer época, de qualquer parte do mundo e é hoje considerado pelo próprio Jacinto Silva como "um dos seus", vem agora nos "brindar" com belas interpretações da obra desse grande mestre do forró.

Quem ainda não conhece Jacinto Silva, logo que ouvir cantar, certamente exclamará:

- Quem é esse "cara"?

- Como é que um cantor desses não está nas paradas de sucesso do mundo inteiro?

Quem o já ouviu cantar e já o conhece, na certa perguntará:

- Por onde andava Jacinto?

- "Um senhor cantor, um senhor repentista, um senhor embolador, um senhor compositor" - conforme texto de Othon Russo para contracapa do seu primeiro LP para a gravadora CBS "RITMO EXPLOSIVO" - um "cara" que já gravou mais de 40

discos (78 rpm, LP, compacto/vinil, CD) para as gravadoras Rozemblit, CBS, Cantagalo, Continental, Ariola, Polygram, etc...) fez tanto sucesso, tem tantos fãs e tem influenciado tantos outros artistas.

A resposta para os que ainda não o conheciam é: Esse "cara" é Sebastião Jacinto da Silva ou simplesmente JACINTO SILVA, nascido em Palmeira dos Índios, Alagoas. Radicado em Caruaru, Pernambuco. Um dos maiores nomes da música nordestina.

A resposta para os que já o conheciam pode ser:

Por (in) conveniência, incompetência, e mediocridade da indústria fonográfica e de grande parte da mídia, também pelos caprichos da vida e do destino, Jacinto passou "um tempo" afastado do sucesso.

Hei-lo agora retornando em grande estilo, reinterpretado e reinterpretando-se.

Jacinto Silva e Silvério Pessoa, duas gerações musicais que se encontram, assim como a geração Jakson do Pandeiro / Ary Lobo encontrou um dia a geração Jacinto Silva.

Silvério Pessoa escreve

O Bate o Mancá é uma continuação do meu trabalho. A música sempre esteve presente na minha vida intra-uterinamente. Mamãe sempre gostou e ouviu Luiz Gonzaga, freqüentava os programas de rádio e de auditório no Recife, mesmo antes de casar com Papai. O som que reconheço hoje é na verdade o som que sempre ouvi, como feto e como criança nos terreiros do sítio de Vovó Alaíde, no rádio, na feira. O Bate o Mancá é uma síntese e um momento que concentra todas as influências que recebi e interiorizei. Do Mestre Jackson do Pandeiro ao coco de Zé Neguinho, de Dona Selma, do forró de Salustiano, das guitarras de Jimmy Hendrix. Mas foi em Jacinto Silva, que reuni meus desejos de realizar um trabalho que envolvesse não só música, como também um espaço de entendimento sobre a realidade da zona da mata, um espaço tão vivido por mim em Carpina. Naquele ambiente eu vi cortador de cana, levei muita marmita para meu Pai no canavial, ouvi muito assobio de cambiteiro no meio de tanta palha de cana.

Jacinto Silva é o maior responsável por esse projeto, sua obra, seu sotaque e seu texto faz parte de minha vida, sempre vai fazer parte, é uma relação paternal. Por isso o que se ouve no Bate o Mancá são partes de vidas, sons vivos e imagens criadas resultantes de muita diversão na Casa de farinha, na sala pequena da casa de Zé da Granja ao som de forró. É a celebração de um grupo específico que ainda trabalha e se esforça para superar seu cotidiano entre engenhos, cana, faca, foice, enxada. Porém, canta, reza, e sorri ao final do dia quando ouve ou entoia uma canção. Esse é meu povo. Por mais que esteja afastado desse espaço que vivenciei, meu coração permanece lá, no sítio e nos caminhos de barro que me levavam aos canaviais, aos sons do meu povo.

Antônio Nóbrega

Natural de Recife, estudou violino clássico e canto lírico com professores renomados, chegando a tocar em orquestra. Nos anos 70 participou do Quinteto Armorial, com o qual gravou quatro discos e excursionou pelo mundo divulgando a música tradicional nordestina. A partir de 1976 começa a conceber seus próprios espetáculos, misturando dança, artes cênicas e música, participando na década de

80 de festivais de teatro. Pesquisador de dança e música brasileira, radicou-se em São Paulo em 1983 e ajudou a implantar o Departamento de Artes Corporais da Unicamp. Depois de ganhar prêmios no exterior, seu trabalho começou a ter repercussão no Brasil na década de 90 com os espetáculos "Figural", "Brincante" e "Segundas Histórias", os dois últimos estrelados por seu personagem Tonheta, uma mistura de clown e vagabundo que cativa o público. No final da década passou a se dedicar mais à pesquisa musical, e lançou em CD os shows "Na Pancada do Ganzá" (baseado na viagem etnográfico-musical de Mário de Andrade pelo Brasil) e "Madeira que Cupim Não Rói". Mantém em São Paulo a Escola e Teatro Brincante, um centro cultural que promove eventos e cursos ligados à dança, música e arte circense.

Margareth Menezes

Cantora desde a infância, começou a compor e tocar violão na adolescência, na Bahia. Iniciou-se profissionalmente cantando em casas noturnas e, durante o carnaval, em trios elétricos. Trabalhou em diversas peças de teatro na década de 80 como "Inspetor Geral" (Gogol) e "Menino Maluquinho" (Ziraldo). Seu primeiro show solo, "Banho de Luz", estreou em 1985 e recebeu o Troféu Caymmi de melhor intérprete. Dois anos depois recebe outro Troféu Caymmi, dessa vez de show do ano, pelo espetáculo "Beijo de Flor". Em 1988 gravou o primeiro disco, "Margareth Menezes" (Polygram), que obteve grande sucesso no exterior antes de estourar no Brasil como representante da vitalidade da música baiana. Dona de uma voz possante, excursionou com o norte-americano David Byrne pela Europa e Estados Unidos em 1989 e 1990, cantando afro-samba-reggae, classificado como "world music" no exterior. Byrne foi o grande incentivador da carreira internacional de Margareth. Na década de 90 lançou outros álbuns, como "Canto Pra subir", "Kindala", "Luz Dourada" (todos pela Polygram) e "Gente de Festa" (Warner), em que gravou composições de autores contemporâneos da Bahia, e outras de sua própria autoria. Continua se apresentando regularmente no Brasil e no exterior, e possui um trio elétrico na Bahia, durante o Carnaval.

Walter Alfaiate

Nascido no Rio de Janeiro, iniciou o trabalho como alfaiate aos 13 anos, no bairro de Botafogo. Autodidata, compôs para blocos carnavalescos da região, como o Foliões de Botafogo e o São Clemente. Participou nos anos 60 de rodas de samba no Teatro Opinião e formou vários grupos, com destaque para os Reais do Samba e o Samba Fofo. Mesmo sendo um dos principais nomes do samba em Botafogo, que viria a se tornar o grande celeiro de compositores do gênero, o cantor e compositor só foi descoberto na década de 70, quando Paulinho da Viola gravou três de suas canções – "Coração Oprimido", "A.M.O.R.Amor" e "Cuidado, Teu Orgulho Te Mata". Brilhou como crooner da boate Bolero, em Copacabana, onde ficou conhecido como Walter Sacode, por interpretar com maestria o samba "Sacode Carola", de Hélio Nascimento e Alfredo Marques. Em 1982 foi convidado pelo parceiro e amigo Mauro Duarte a entrar para o G.R.E.S da Portela. Cultuado pela maioria dos sambistas do Rio de Janeiro, jamais foi reconhecido pelas gravadoras – com mais de 50 anos de carreira e com 200 sambas compostos, gravou apenas um disco, "Olha Ai", lançado em 1998 pelo selo Alma e produzido por Aldir Blanc e Marco Aurélio.

Ivo Meirelles

Começou a carreira como sambista na Mangueira. Compôs (em parceria com Paulinho e Lula) um dos sambas-enredos mais famosos da década de 80, "Caymmi Mostra ao Mundo o que a Bahia e a Mangueira Têm", cujo refrão "Tem xinxim e acarajé/ Tamborim e samba no pé" é executado em todos os bailes de carnaval até hoje. Tido como uma revelação na Mangueira, promessa de renovação na ala dos compositores, enveredou por outros caminhos, passando a sofrer mais influência do funk, rock e pop. Depois de ter sido diretor da Mangueira, virou parceiro de Lobão e fundou o grupo Funk'n'Lata, que mistura basicamente funk e batucada, resquícios de sua vida na escola de samba. A mudança de direcionamento musical não foi sem conseqüência, e Meirelles teve que abandonar a Mangueira, por causa de conflitos. O Funk'n'Lata - com seus integrantes artificialmente louros, inspirados na moda lançada por Meirelles - utiliza elementos de black music, charm, rap, hip hop e funk junto com repiques, surdos e chocalhos, obtendo resultado original. Em 1999 Meirelles criou um novo selo, a Do Morro Produções, para lançar novos artistas e bandas.

Velha Guarda da Mangueira

A primeira formação da Velha Guarda da Mangueira remonta ao ano de 1956, capitaneada por Carlos Cachaça, Cartola e Aloísio Dias. Os integrantes reuniram-se para representar umas das mais tradicionais escolas de samba carioca. Ao longo dos anos, a Velha Guarda teve vida incerta. Sumiu durante longos períodos, reunindo-se esporadicamente para shows, com formação inconstante. No repertório, sambas de terreiro, clássicos de Carlos Cachaça, Cartola e Nelson Cavaquinho, e composições dos novos valores que iam tomando corpo na comunidade mangueirense. Em 1988, voltaram a reunir-se, com Delegado e Mocinha — mestre-sala e porta-bandeira — Tia Irene e mais 23 integrantes. Entre idas e vindas de seus componentes, o grupo estreou oficialmente em 1991, tendo Beth Carvalho como madrinha, e lançou o primeiro disco oito anos depois, pela Nikita. Em Velha Guarda da Mangueira e Convidados, muitas músicas são inéditas. O elenco do disco, que estava disperso, foi reunido pelo violonista e arranjador Josimar Monteiro. Há presenças de nomes da escola como Xangô, primeiro diretor de harmonia e ex-puxador de sambas da escola, Jurandir, Tatinho, Quincas, José Ramos, Cartola, Darcy da Mangueira, Nelson Sargento, Geraldo Pereira, Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito, Zagaia, Chiquinho Modesto, Irson Pinto, Alfredo Português e Padeirinho — além dos imperianos D. Ivone Lara e Délcio Carvalho, o salgueirense Aldir Blanc, os portelenses Noca da Portela, Darcy Maravilha e Toninho Nascimento, os caciqueanos Neoci e Bandeira Brasil e os enamorados da Mangueira como Moacyr Luz, Mirabeau, Milton de Oliveira, Benedito Lacerda e Aldo Cabral. Para as gravações, foi chamado um time de artistas convidados, como Beth Carvalho, Lenine (que divide os vocais com Nelson Sargento, outro convidado), Guilherme de Brito e Dona Ivone Lara. Antes de Velha Guarda da Mangueira e Convidados, tiveram um CD lançado no Japão, Pedi Perdão.